

16 out. oct. 21h30
Auditório do Sindicato dos Curtumes

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no universo

Terceira Pessoa

Que motivações despoletaram a recolha de testemunhos pessoais e que preocupações tinham em dá-los a ver?

O projecto tem como ponto de partida a criação de um espectáculo que respire e transpire a vivência de um lugar e das pessoas que o habitam. O primeiro movimento é chegar com uma abertura e curiosidade que nos permitam o diálogo e a escuta. É a partir daí que podemos começar verdadeiramente a partilhar uma experiência única e singular. A recolha de testemunhos pessoais surge desse desejo de descobrir uma dramaturgia única e sensível, que pode começar com uma pergunta, por exemplo: “que objecto simboliza a sua ligação a este lugar?”. Na escolha de cada pessoa e na sua resposta começam a emergir histórias, memórias, visões, desejos... onde se encontram as matérias dramáticas do objecto que nos propomos co-criar com as pessoas que habitam cada lugar. É essa experiência que nos ocupa: mais do que o espectáculo, dar a ver aquilo que a nossa vivência comum criou e que até então não existia.

Do vosso ponto de vista, qual a importância da micro história para refletirmos acerca do presente?

No tempo em que vivemos existe uma tendência para uma padronização e uniformização, ignorando dimensões que consideramos extremamente importantes como o detalhe, o pormenor, a diversidade. Talvez a ascensão dos movimentos extremistas um pouco por todo o mundo tenha que ver com o desaparecimento dessas dimensões das nossas vidas. É nas micro-histórias que nos podemos redescobrir sempre, uma e outra vez. Inspira-nos a frase de Rancière: “O real deve ser ficcionado para ser pensado”. No nosso processo procuramos que este questionamento do real se faça através da ficção que se constrói e tece de vários tipos de vestígios (testemunhos documentais, textos ficcionais, imagens novas e de arquivo, objectos, lendas). Esta teia – o espectáculo é atravessado por uma teia que uma costureira tece – é essa tentativa de propor várias formas de pensar o presente através dos nossos detalhes e pormenores.

Como surge a escolha de utilizar vídeo no espectáculo? Que papel tem na encenação e que discursos vem criar?

O espectáculo é um filme que está a ser criado em tempo real, existindo um lado artesanal no mesmo: vemos o videasta a operar a imagem, o compositor a tocar, a atriz e o ator a narrar a história ao vivo. A utilização do vídeo no espectáculo surge, num primeiro momento, como matéria orgânica neste dispositivo. Outra dimensão que nos interessa na utilização do vídeo está relacionada com o facto de este ser um espectáculo que acontece “entre a visão de um drone e as mãos de uma costureira”. O movimento dramático do espectáculo parte de uma visão longínqua através da qual conseguimos apenas “ler” informações, dados... para se transformar numa visão mais e mais imersiva no lugar. E é aí que começam a surgir as singularidades, as sensibilidades, as histórias particulares que o constituem. Para além disso, o vídeo funciona aqui também como espelho, no qual o real e o ficcional co-habitam.

Atendendo à natureza do projecto, onde, para quem e com quem é importante desenvolver estes projectos? E onde apresentá-los?

Neste projecto a participação e co-criação são dimensões fundamentais. Tem sido esse o ADN do trabalho que temos realizado em proximidade com as pessoas de cada lugar. Trabalhar desta forma desenvolve um sentido de relação, implicando “estar”, “escutar”, “dialogar” e isso necessita de tempo, para que se encontre o ritmo dos corpos que fazem cada projecto. Estas são dimensões transversais a qualquer lugar e a qualquer comunidade. Nesse sentido, são projectos importantes em todos os territórios. Não quer isto dizer que sejam desenvolvidos da mesma forma em qualquer lugar: cada processo deverá ser único e particular, como cada lugar e pessoa. Para nós é importante que o momento de apresentação reflita essa relação: em Alcanena criámos algo único e, mais importante ainda, algo onde podemos descobrir novos horizontes e relações com outros lugares diversos.

Terceira Pessoa

Uma organização que desenvolve projectos artísticos, com especial enfoque nas artes performativas e na área dos cruzamentos disciplinares. Nos seus projectos privilegia uma abordagem multidisciplinar, integrando profissionais provenientes de linguagens artísticas diversificadas. Abrangendo públicos de várias faixas etárias e de meios socio-culturais diversos constrói um projecto de aproximação da comunidade aos territórios culturais da sua zona, bem como de outros locais do país. Foca assim a sua acção em três eixos principais: criação de objectos artísticos com assinatura da estrutura e difusão das suas zonas de acção como lugares de produção e criação artística; aproximação dos públicos às linguagens artísticas contemporâneas através de dinâmicas participativas e colaborativas regulares; organização de ciclos de programação artística pluridisciplinar que potenciem a circulação de criadores e o acesso público a propostas de índole experimental.

What motivations triggered the gathering of personal testimonials, and what worried you about revealing them?

The starting point for the project was to create a show that would breathe and perspire the experience of a place and the people who inhabit it. The first step is arriving with an openness and curiosity which will allow for dialogue and listening. And from there we can begin to truly share a unique and singular experience. The gathering of personal testimonials arises from that desire to discover a unique and sensitive dramaturgy, which can begin with a question, for example: “which object symbolizes your connection to this place?” From each person’s choice and response, stories, memories, visions and desires begin to emerge... where we can find the dramaturgical materials of the object we wish to co-create with the people who live in that place. That’s the experience with which we are occupied: more than the show, we want to show what our common experience created, which up until then had not existed.

From your perspective, what is the importance of a micro-history when reflecting on the present?

These days, there is a tendency for patterning and uniformization, ignoring dimensions we consider extremely important such as details, specifics and diversity. Perhaps the rise of extremist movements, all around the whole world somewhat, has to do with the disappearance of those dimensions from our lives. It’s in the micro-histories that we can always rediscover ourselves, time after time. Rancière’s phrase inspires us: “The real must be fictionalized in order to be thought”. In our process, we attempt this questioning of the real through the fiction that is built and woven from various types of vestiges (documented testimonials, fictional texts, new and archival images, objects, legends). This web – a web sewn by a seamstress throughout the show – is an attempt to propose several ways of thinking the present through our details and specifics.

What led to the choice of using video in the show? What role does it play in the staging, and which discourses does it create?

The show is a film that is being created in real time, with an artisanal side to it: we see the videographer taping the image, the composer playing, the actors narrating the story live. The use of video in the show is, in the first instance, an organic use of this tool. Another dimension that interests us in the use of video is related to the fact that this show happens “between the view from a drone and the hands of a seamstress”. The dramaturgical movement of the show is based on a far-away vision through which we can only “read” information and data... in order to be transformed into an increasingly immersive vision in the space. And that’s where the singularities appear, the sensibilities, the specific stories that constitute it. Besides that, video also functions here as a mirror, in which the real and the fictional co-exist.

Given the nature of the project, where, for whom and with whom is it important to develop these projects? And where should they be shown?

In this project, participation and co-creation are fundamental dimensions. That’s been the DNA of the work we’ve done in close contact with the people in each place. Working in this manner develops a sense of relationship, implying “being”, “listening”, “dialoguing”, and that takes time, so we can find the rhythm of the bodies that make up each project. These dimensions are transversal to any place and any community. For that reason, they are important projects to all territories. Which is not to say that they are developed the same way everywhere: each process must be unique and specific, just as each place and person. For us, it is important that the moment of the show reflects that relationship: in Alcanena, we created something unique and, more importantly, something in which we can discover new horizons and relationships with several other places.

Terceira Pessoa

An arts organisation that focuses especially on the performing arts and areas between disciplines. Using an interdisciplinary approach, TP brings together professionals working in a range of artistic languages. Reaching audiences of all ages and sociocultural backgrounds, TP brings communities closer to the territory of both their local area and the country as a whole, promoting cultural interchange between heritage and contemporary modes of expression. It thus focuses on three main pillars. First, it creates artistic works under the name of the organisation, and promotes the regions it works in as spaces for artistic production and community work, at national and international levels. Second, it brings the public closer to contemporary artistic languages, through participatory methodologies and ongoing collaboration. And third, it programmes seasons of multidisciplinary artistic practice that both encourage the circulation of artists and provide the local population with access to the experimental work that arises.

Direcção artística, criação e interpretação / Concept, artistic direction and performance Ana Gil e Nuno Leão Dramaturgia e texto / Dramaturgy and Text Nuno Leão Figurinos e espaço cénico / Costumes and scenic space Ana Gil
Co-criação e composição sonora / Co-creation and sound composition Rui Dias Co-criação e vídeo / co-creation and video Tiago Moura Bordadeira / Embroiderer Herminia Marta Caetano Participação / Participation Augusto Pereira, Inês Caetano, Isabel Lobo, José Moita, Margarida Gil, Mário Caetano, Isabel Caetano, Luís Simões, Sónia Bento, Sofia Frazão Agradecimentos / Acknowledgements José Luís, ARPICA, Vicente Batalha, Alcanena em Cena, Junta de Freguesia de Alcanena e Vila Moreira e Sindicato dos Curtumes Organização / Organization Materiais Diversos Produção / Production Terceira Pessoa - Associação